

MUNDANISMO

Mundanismo significa coisas diferentes para diferentes pessoas.

Para a comunidade religiosa Amish [inexistente no Brasil] significa eletricidade, telefone e carro. Há igrejas bastante conservadoras que tem uma lista de atividades proibidas, tais como dançar, jogar cartas e ir ao cinema. Sem qualquer intenção de desdenhar desses dois pontos de vista, precisamos entender que mundanismo é muito mais do que uma lista de atividades proibidas ou conveniências do mundo moderno.

Dois textos bíblicos nos ajudarão a entender o conceito de mundanismo:

O primeiro é 1 João 2.15,16, em que o apóstolo nos exorta a não amar o mundo, descrevendo, então, as coisas do mundo como os [pecaminosos] desejos da carne e dos olhos, e o orgulho dos bens.

As três expressões parecem indicar que João tem em mente desejos e atitudes que vemos hoje claramente como sendo pecado. No entanto, como estamos considerando o que chamo de pecados mais aceitáveis ou sutis, há um texto de Paulo que nos levará a entender os aspectos “aceitáveis” do mundanismo. Trata-se de I Coríntios 7.31. Traduções diferentes usam expressões diferentes para transmitir a mesma ideia.

A advertência é que, embora usemos legalmente as coisas do mundo, devemos tomar cuidado para que não se tornem importantes demais para nós.

Com base no aviso de I Coríntios 7.31, defino mundanismo como estar apegado às coisas, monopolizado ou preocupado com o que é passageiro neste mundo. As coisas transitórias desta vida podem ou não ser pecados em si. O que transforma em mundanismo as coisas que não são necessariamente pecado é o valor exagerado que lhes damos. Em Colossenses 3.2, Paulo nos instrui: “Pensai nas coisas de cima e não nas que são da terra.” As “coisas de cima” devem ter muito mais valor para nós — ou seja, coisas espirituais como Bíblia, oração, evangelho, obediência a Deus, cumprimento da Grande Comissão e, acima de tudo, o próprio Deus.

Nossos valores devem estar concentrados nessas áreas, e não nas coisas desta vida, e isso inclui até mesmo as que são consideradas legítimas.

O mundo ímpio certamente não se concentra nas coisas de Deus. Até mesmo os nossos conhecidos mais gentis e honestos estão de olho apenas nesta vida. Pela própria natureza deles, não conseguem se voltar para as coisas que são de cima. Apesar disso, o estilo de vida dessas pessoas não é muito diferente do nosso, se é que há diferença. Eles varrem a calçada, pagam seus impostos e evitam pecados escabrosos da mesma forma que evitamos. E por isso que conviver com eles torna o mundanismo aceitável a nós. Podemos aprofundar nosso entendimento de mundanismo com esta definição

secundária: mundanismo significa aceitar os valores, as regras morais e as práticas da sociedade simpática, mas descrente, sem discernir se esses valores, regras e práticas são bíblicos. Mundanismo nada mais é do que aceitar o costume da sociedade desde que ele não seja um pecado óbvio.

Mundanismo é um assunto tão amplo que merece um ano inteiro, mas vou limitar nossa discussão a três áreas que, penso eu, se tornaram pecados aceitáveis aos nossos olhos: dinheiro, imoralidade e idolatria. A lista pode surpreender você porque mencionei duas coisas — imoralidade e idolatria — que são claramente inaceitáveis.

As duas áreas, porém, apresentam determinados aspectos que se tornaram aceitáveis, e é sobre eles que discutiremos. E quanto à questão do dinheiro, também há certas coisas, como roubo, trapaça e fraude, que são claramente pecados inaceitáveis. Todavia, nessas três áreas, focalizaremos apenas os pecados que nos parecem aceitáveis.

Dinheiro

Estados Unidos é o país mais rico do mundo, e apesar disso, o jeito de lidar com o dinheiro é vergonhoso.

Em 2004, a renda líquida anual de uma família de classe média era 52.287 dólares. Mesmo assim essa família tinha uma dívida de 7 mil dólares em cartões de crédito. O mais alarmante é que, dessa renda de mais de 52 mil dólares, a contribuição da família a causas beneficentes eram meros 794 dólares — ou seja, 1,5%.

Naturalmente, a estatística tem como base toda a população, e é claro que, considerando-se apenas os evangélicos, há certa melhora, contudo a diferença é pouca. Em uma pesquisa de 2003, membros de oito denominações evangélicas doaram 4,4% de sua renda para a obra de Deus. A porcentagem, na verdade, é um decréscimo dos 6,2% que os membros das mesmas denominações doaram em 1968.² Se essas oito denominações representam as igrejas evangélicas como um todo, isso significa que temos ficado menos generosos para com Deus financeiramente.

Além de estarmos ofertando menos para nossas igrejas, parece que a maior porcentagem do que damos é gasto em causa própria.

Em 1920, a porcentagem de contribuições para missões retiradas do total de ofertas era pouco mais de 10%. Mas, por volta de 2003, esse número havia diminuído para pouco menos de 3%. Isso quer dizer que, de cada dólar, gastamos 97 centavos em nossos programas e ministérios e doamos apenas três centavos para missões.

Resumindo, parece que as famílias evangélicas americanas têm guardado mais de sua renda para si mesmas e ofertado menos para suas igrejas.

E as igrejas têm gasto mais com seus próprios programas e ministérios e enviado menos para o trabalho missionário.

Se as ofertas têm diminuído e a dívida com cartão de crédito aumentado, o que se temos feito com o nosso dinheiro? Não temos poupado, e sabemos disso porque a conta poupança, como porcentagem da renda, anda bem baixa — na casa de 2%. Isso tudo significa que temos gasto nosso dinheiro com as coisas desta vida — casas, carros, roupas, férias e produtos eletrônicos caros, só para citar alguns itens. Com relação ao dinheiro, colocamos nosso pensamento nas coisas do mundo e não nas de cima. Ficamos mundanos em relação ao nosso dinheiro.

Quanto, então, deveríamos ofertar? Acho que 10% é o mínimo — ou, usando uma expressão bíblica, o dízimo. Quem ganha 1 mil devolve cem. Quem ganha dez mil entrega 1 mil. E no caso da oferta é o nosso senso de gratidão de acordo com a prosperidade que Deus nos deu.

Acho que o conceito de dízimo perdeu a força, não porque deixou de ser considerado um ensino bíblico, mas porque nos tornamos mundanos em nossa atitude para com o dinheiro e, como resultado, ficamos avarentos com Deus. Avareza é uma palavra negativa. Ninguém gosta de ser taxado de avarento em relação a outras pessoas. Queremos ter fama de generosos. Mas, quando não devolvemos o dízimo e excluimos as ofertas voluntárias, estamos ou não sendo avarentos? Se o próprio Deus afirmou que os judeus estavam roubando dele porque não devolviam o dízimo, será que ele fica feliz quando fazemos o mesmo ou pior?

Jesus foi categórico: “Ninguém pode servir a dois senhores” (Mt 6.24). A impressão é que, na vida de muitos cristãos, o dinheiro está acima de Deus. Todavia, Deus e dinheiro não são duas escolhas equiparáveis, pois a Bíblia diz: “Porque o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males; e por causa dessa cobiça alguns se desviaram da fé e se torturaram com muitas dores” (I Tm 6.10). Se o dinheiro domina nossa vida, quem perde somos nós, não Deus. Afinal, Deus não precisa do nosso dinheiro.

Se gastarmos o dinheiro só em causa própria, acabaremos como mendigos espirituais. Alguns cristãos acham que não têm como ofertar 10% do salário para a obra de Deus. Compreendo essa mentalidade. Certo cristão conta que quando deixou a indústria e foi trabalhar com missões, seu salário foi reduzido em 75%. Entrei em pânico financeiro, e pensei: “Não tenho como dar o dízimo. Tenho certeza de que Deus aceitará como dízimo o serviço sacrificial do salário baixo que recebo.”

Mas Deus não me deixou sossegado por muito tempo. Então decidi que iria entregar o dízimo da minha parca renda e confiar na providência de Deus.

Pouco tempo depois, fui cativado pela história de Elias sendo alimentado pela viúva de Sarepta (v. IRs 17.8-16). Só restava à mulher um punhado de farinha e um pouco de azeite com os quais ela prepararia a última refeição para si e para o filho, e depois morreriam. Elias, porém, disse: “Primeiro eu, e Deus cuidará de vocês.” Ela obedeceu às instruções de Elias, e Deus realmente cuidou dos demais. A frase final da história

diz: “A farinha da vasilha não se acabou, e não faltou azeite na botija, conforme a palavra do Senhor, que ele falara por intermédio de Elias” (v. 16). Li esse versículo e comecei a orar, e afirmo que durante os cinquenta e dois anos de ministério, Deus sempre cuidou de mim.

Como vimos no capítulo 10, temos de lembrar que tudo o que temos e nossa capacidade de ganhar mais vêm de Deus (sugiro que você leia e releia Deuteronômio 8.17,18). Devolver a Deus pelo menos 10% do que ele nos dá é uma expressão tangível de nosso reconhecimento e gratidão. Finalmente, temos de lembrar a infinita generosidade de nosso Senhor Jesus que entregou a si mesmo por nossa salvação. Quando quis incentivar os cristãos a serem generosos, Paulo escreveu: “Pois conheceis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, tornou-se pobre por vossa causa, para que fôsseis enriquecidos por sua pobreza” (2Co 8.9). Nossos dízimos e ofertas devem refletir o valor que colocamos na dádiva de Deus a nós.

Imoralidade

Das três áreas do mundanismo que examinaremos, tenho certeza de que esta é a que mais causa espanto. Você deve estar se perguntando como a imoralidade pode até mesmo ser considerada um pecado “intocável”. Quero deixar logo bem claro que não iremos considerar nem adultério nem pornografia como atos imorais.

Essas atitudes são obviamente inaceitáveis e estão fora do objetivo deste estudo, que trata dos pecados que toleramos.

Em que sentido toleramos a imoralidade? Fazemos isso por meio de algo que se denomina imoralidade velada. Sentimos o prazer íntimo ao ler sobre a imoralidade de pessoas cuja conduta sexual imprópria é descrita em jornais e revistas? Se esse for o caso, estamos envolvidos em imoralidade velada. Gostamos de espiar tabloides e revistas expostos nos caixas de supermercados, imaginando como seria bom comprar um e ler sobre as peripécias sexuais de pessoas famosas, mas claramente imorais? Se esse for o caso, estamos envolvidos em imoralidade velada. Se vamos ao cinema ou ligamos a televisão sabendo que iremos assistir a cenas sensuais, ou se lemos romances em que tais cenas são descritas em detalhes, estamos envolvidos em imoralidade velada. É óbvio que o mundo ao redor se delicia com esse tipo de coisa. Afinal, esses tabloides e revistas não estariam expostos nos caixas dos supermercados se nossos vizinhos não os comprassem. A mesma coisa pode ser dita sobre filmes, programas de TV e livros. Esse é um exemplo das práticas e dos valores aceitos pela sociedade que são claramente opostos à Bíblia.

Caso sigamos esse exemplo, também somos mundanos.

Existe ainda o aspecto das roupas indecentes. Sempre que caminho por lugares aglomerados de gente, como aeroportos ou shoppings, fico cada vez mais certo de que

a moda feminina para todas as idades tem o objetivo de atrair os olhares cobiçosos dos homens. Parece que estou sempre desviando os olhos de alguma coisa proibida. Rapazes me contam que o problema é epidêmico em seus colégios e faculdades.

Dentro desse assunto, há duas áreas nas quais podemos nos tornar mundanos. Primeiro, muitas mulheres cristãs, especialmente as mais jovens, seguem a moda da sociedade descrente que as cerca. Certo pastor conta que quando sua esposa o acompanha em visitas a universidades, fica chocada e assustada com as roupas que algumas estudantes usam até mesmo para ir aos estudos bíblicos.

De acordo com I Timóteo 2.9, as mulheres cristãs devem se vestir com modéstia e discrição. Portanto, digo às ouvintes desse estudo que se vocês simplesmente seguem a moda indecente de hoje, são mundanas nessa área de sua vida. É triste dizer, mas essa forma de mundanismo continua aumentando, especialmente entre as jovens.

Como homens, nosso problema é que reagimos com olhares cobiçosos à vestimenta indecente. Para pecarmos, nem precisamos imaginar cenas de imoralidade. Somente o olhar demorado e apreciativo no que as mulheres expõem ou acentuam com suas roupas justinhas já é pecado. Estamos fazendo o que homens, geralmente decentes, estão fazendo. Nesse sentido, somos mundanos.

Um rapaz me perguntou como lido com essa tentação. Respondi que minha primeira estratégia de defesa é Provérbios 27.20: “O inferno e a perdição nunca se fartam, e os olhos do homem nunca se satisfazem”.

O que aprendi é que um único olhar demorado nunca satisfaz; só abre o apetite.

Assim, não espiche os olhos sobre aquilo que você nem deveria estar vendo.

Minha segunda estratégia de defesa é Romanos 6.21: “E que fruto [ou seja, benefício] colhestes das coisas de que agora vos envergonhais? Pois o fim delas é a morte.”

Pergunto-me que benefício recebo por me entregar a um olhar cobiçoso. A resposta é: nada mais que os prazeres do pecado, seguidos de sentimentos de vergonha e arrependimento. Homens, assumamos o compromisso de tratar desse aspecto do mundanismo em nossa vida.

Idolatria

Esse aspecto do mundanismo também precisa de algumas explicações.

Claro que não adoramos ídolos de madeira, metal e pedras. Nosso problema, como dizem, são os “ídolos do coração”. Nesse sentido, ídolo é qualquer coisa que valorizamos tanto que acaba drenando nossa energia emocional e mental, ou nossos recursos e tempo. Pode também ser qualquer coisa que fique acima do nosso relacionamento com Deus ou com a família. O trabalho ou a profissão podem tornar-se um ídolo. A pessoa fica tão obcecada em progredir, ou chegar ao topo, que tanto Deus quanto a família acabam em segundo plano.

Reconheço que, na competição ferrenha do mundo corporativo, em que os colegas de trabalho transformam a carreira em um deus, é difícil não seguirmos na mesma trilha. As circunstâncias de cada profissão ou carreira são diferentes, portanto, não existe solução única para o problema. No entanto, se tivermos em mente um determinado princípio bíblico, ele nos guardará da tentação de transformar a profissão em ídolo. Esse princípio é ensinado por Paulo em 2 Coríntios 5.9: “Por isso também nos esforçamos para agradá-lo.” Se nosso objetivo é agradar a Deus, em vez de escalar a montanha do mundo corporativo ou ser o profissional mais extraordinário em nosso campo de trabalho, então venceremos a tentação de transformar nossa profissão em ídolo.

Lembro-me de um vendedor de carros que conheci há tempos. Ele me explicou: “Depois que me converti, larguei mão de tentar vender carros e passei a ajudar os clientes a comprar carros.” Meu amigo não mudou de profissão, só mudou de objetivo. Seu foco passou de quanto dinheiro poderia ganhar para como servir as pessoas ajudando-as a comprar um carro que se ajustasse às suas necessidades e à sua situação financeira. Quando ele passou a servir de coração aos seus clientes, sua carreira deixou de ser ídolo e transformou-se em serviço a Deus.

MUNDANISMO

Entendo que o princípio de Paulo talvez não se aplique de modo exato à situação que você vive. Isso é particularmente verdadeiro em algumas profissões que exigem longas horas de trabalho e alta produtividade.

Se esse é o seu caso, incentivo você a aconselhar-se com um cristão mais maduro que possa ajudá-lo a lidar com as questões específicas de sua área profissional.

Talvez outra área de idolatria tenha a ver com assuntos políticos e sociais. Combino as duas coisas porque, em muitos casos, as questões sociais se tornam questões políticas. Embora eu acredite na importância de os cristãos serem bem informados e, até certo ponto, envolvidos nessas questões, precisamos ser cuidadosos para não transformar nosso partido político ou nossas preocupações sociais em ídolos.

Sem dúvida nenhuma, existem questões sociais — como aborto e homossexualismo — que são visivelmente contrárias aos padrões morais de Deus. Apoio os líderes e organizações que se opõem firmemente a essas práticas. Mas não podemos esquecer que a prioridade maior da igreja como um todo é a proclamação do evangelho. Bebês nascituros precisam ser protegidos, e o padrão bíblico de casamento tem de ser preservado. Todavia, acima de tudo, seres humanos precisam ser resgatados do poder de Satanás e levados ao reino de Deus por meio de Jesus Cristo.

Se perdermos de vista o chamado principal da igreja, corremos o risco de transformar nossas atividades políticas e sociais em ídolos.

Uma terceira área da idolatria moderna é a paixão consumidora de muitos pelos esportes. Aqui, sei que entrei num caminho que até “os anjos temem trilhar”. Vejam o que acontece no Brasil, por exemplo. Não creio que haja alguma dúvida de que os esportes, sobretudo o futebol, se tornaram ídolos em nossa cultura. Na verdade, a idolatria não se restringe aos adultos. Crianças que mal saíram das fraldas já estão se tornando fanáticas, e a mentalidade do “ganhar é o que interessa” da maioria dos pais só alimenta a idolatria. Sem mencionar que, cada vez mais, os times estão contratando, a salários estratosféricos, jogadores que mal entraram na adolescência.

Para muitos os times se tornam ídolos e ficam uma "pilha de nervos" em dia de jogo, como se sua felicidade dependesse do resultado da partida.

Você pode continuar torcendo por seu time da universidade, e ficar muito feliz quando ele vence. No entanto, o time não pode ser mais um ídolo. Deus tem que te convencer da idolatria, e lembrar que futebol é apenas um jogo, e, não importa que time vença.

Não deixe de torcer por seu time, se esse é o seu desejo. Mas não se consuma por causa de vitórias e derrotas. Mantenha os esportes em perspectiva. É só um jogo.

Gostaria de recapitular minhas duas definições de mundanismo.

Primeiro, é a preocupação com as coisas passageiras da vida.

Segundo, é concordar com os valores e as práticas da sociedade sem levar em conta se são bíblicos ou não. Acho que nossa inclinação ao mundanismo reside na frase concordar com. Simplesmente concordamos com os valores e práticas do mundo sem considerar se são práticas e valores bíblicos. É por isso que jovens cristãos usam roupas sensuais. Meramente concordam com o estilo do momento sem analisar se ele é do agrado de Deus. E o esporte em si não é pecado, mas, se concordarmos com todo mundo, acabamos transformando nosso time em ídolo.

Como, então, lidaremos com nossa inclinação ao mundanismo?

Não é tomando a decisão de nos afastarmos do mundanismo, mas nos comprometendo a ser mais fiéis a Deus. Precisamos estreitar nosso relacionamento com Ele e ver todos os aspectos da vida através das lentes de sua glória.

No século passado um pastor escocês, pregou um sermão intitulado "A força expulsora de um novo amor". É disso que precisamos para combater o mundanismo.

Precisamos ter um amor mais profundo por Deus, amor que expulse de nossos corações a afeição que temos pelas coisas deste mundo.